

ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL E COMPETÊNCIAS SOCIOEMOCIONAIS: REVISÃO TEÓRICA À LUZ DA BNCC

EDUCATIONAL GUIDANCE AND SOCIOEMOTIONAL SKILLS: THEORETICAL REVIEW IN LIGHT OF THE BNCC

41

Gisele Machado Brites Rodrigues – Colégio Estadual Professor Waldemar Amoretty Machado

Resumo: Este artigo apresenta uma revisão teórica sobre o papel do Orientador Educacional e sua relação com o desenvolvimento das competências socioemocionais no contexto escolar, considerando especialmente as demandas do ambiente digital, à luz das diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O estudo bibliográfico reúne e interpreta contribuições de autores que discutem a importância da afetividade, da mediação pedagógica e da inteligência emocional, como Vygotsky (1994), Wallon (1975), Goleman (1995), Paro (2007), Moreno e Sastre (2003), D'Auria-Tardeli, Pralon e Coelho (2020) e Bittencourt e Bueno (2019). A análise evidencia que o trabalho do Orientador Educacional ultrapassa a orientação vocacional tradicional, incorporando o acolhimento, a escuta ativa, a mediação de conflitos e o fortalecimento de vínculos entre escola, família e comunidade. Além disso, destaca-se sua atuação estratégica no meio digital, orientando os estudantes quanto ao uso consciente das tecnologias, ao respeito nas interações virtuais, à prevenção do cyberbullying e ao desenvolvimento de uma cultura digital ética e responsável. Ressalta-se a necessidade de repensar a formação e atuação do orientador para que este possa responder às complexidades contemporâneas, incluindo diversidade social e desafios emocionais no ambiente escolar e digital. Conclui-se que as competências socioemocionais são fundamentais para uma educação humanizadora, e o Orientador Educacional é agente chave para sua efetivação integral no século XXI.

Palavras-chave: Orientação Educacional; Competências Socioemocionais; BNCC; Afetividade.

Abstract: This article presents a theoretical review of the role of the Educational Advisor and their relationship with the development of social-emotional skills in the school context, considering especially the demands of the digital environment, in light of the guidelines of the National Common Core Curriculum (BNCC). The bibliographic study gathers and interprets contributions from authors who discuss the importance of affectivity, pedagogical mediation, and emotional intelligence, such as Vygotsky (1994), Wallon (1975), Goleman (1995), Paro (2007), Moreno and Sastre (2003), D'Auria-Tardeli, Pralon and Coelho (2020), and Bittencourt and Bueno (2019). The analysis shows that the work of the Educational Advisor goes beyond traditional vocational guidance, incorporating welcoming, active listening, conflict mediation, and strengthening ties between school, family, and community. In addition, their strategic role in the digital environment stands out, guiding students in the conscious use of technologies, respect in virtual interactions, the prevention of cyberbullying, and the development of an ethical and responsible digital culture. The need to rethink the training and role of counselors so that they can respond to contemporary complexities, including social diversity and emotional challenges in the school and digital environment, is emphasized. It is concluded that social-emotional skills are fundamental to a humanizing



education, and the Educational Counselor is a key agent for their full implementation in the 21st century.

Keyword: Educational Guidance; Socioemotional Skills; BNCC; Affectivity.

INTRODUÇÃO

O papel do Orientador Educacional tem adquirido crescente relevância no contexto escolar contemporâneo, em meio às profundas transformações sociais, culturais e pedagógicas no cenário educacional brasileiro. Esse profissional atua como mediador das relações entre professores, alunos, gestores e famílias, com o propósito de promover o desenvolvimento integral do estudante, abrangendo as dimensões cognitiva, social e emocional. A ampliação das responsabilidades do orientador reflete uma nova concepção de educação, centrada não apenas na transmissão de conteúdos, mas na formação de sujeitos autônomos, críticos e emocionalmente equilibrados, em consonância com as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017).

Além disso, a presença crescente das tecnologias digitais no cotidiano dos estudantes tem imposto novos desafios para o trabalho do Orientador Educacional, exigindo que sua atuação amplie-se para além do espaço físico da escola. A mediação das relações virtuais, o uso consciente das redes sociais e a educação para a cidadania digital tornam-se áreas fundamentais para o desenvolvimento das competências socioemocionais. O orientador precisa estar preparado para orientar os alunos sobre os riscos e benefícios do ambiente online, promovendo atitudes de respeito, empatia, responsabilidade e ética nas interações digitais. Além disso, é crucial que ele estimule o pensamento crítico diante do excesso de informações, das fake news e das situações de cyberbullying, contribuindo para a construção de uma cultura digital saudável e segura. Essa nova dimensão da orientação educativa requer também a construção de projetos que integrem a educação socioemocional ao uso

pedagógico das tecnologias, fortalecendo a formação integral dos estudantes no século XXI.

Nesse contexto, nas últimas décadas, a educação passou a valorizar aspectos relacionados à convivência, empatia, cooperação e equilíbrio emocional como fatores determinantes para a aprendizagem. A BNCC (2017), ao instituir as competências gerais da educação básica, destaca a importância do desenvolvimento de habilidades socioemocionais, reconhecendo que a aprendizagem envolve não apenas o domínio de conhecimentos conceituais, mas também o cultivo de atitudes, valores e comportamentos que favorecem o bem-estar coletivo.

O presente artigo tem como objetivo reunir, organizar e interpretar a literatura científica existente sobre o papel do Orientador Educacional e as competências socioemocionais, enfatizando os desafios e possibilidades de atuação desse profissional frente às exigências da contemporaneidade. Trata-se de estudo teórico e bibliográfico, fundamentado em autores que discutem a relação entre afetividade, aprendizagem e desenvolvimento humano (Vygotsky, 1994; Wallon, 1975; Goleman, 1995), bem como a importância da mediação e do trabalho colaborativo no espaço escolar (Paro, 2007; Silva e Silva, 2015; D'Auria-Tardeli, Pralon e Coelho, 2022).

A relevância desta discussão reside no fato de que, diante dos desafios educacionais do século XXI — como diversidade cultural, desigualdades sociais, uso das tecnologias digitais e demandas emocionais emergentes —, o Orientador Educacional é chamado a desempenhar funções que extrapolam a orientação vocacional ou disciplinar. Sua atuação passa a englobar dimensões formativas e preventivas, voltadas para acolhimento, escuta ativa e fortalecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade.

METODOLOGIA

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa de cunho teórico, de natureza bibliográfica, com o objetivo de analisar o papel do desenvolvimento

socioemocional na aprendizagem escolar e na promoção de competências socioafetivas, considerando as diretrizes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A pesquisa bibliográfica permite sistematizar e interpretar o conhecimento produzido por diferentes autores, estabelecendo relações entre teoria e prática educacional (Ausubel, 1980; Paro, 2007; Silva & Silva, 2015).

Adota-se uma abordagem qualitativa e interpretativa, fundamentada na análise crítica de obras clássicas e contemporâneas sobre psicologia educacional, afetividade e inteligência emocional (Goleman, 1995; Moreno e Sastre, 2003; Meier e Garcia, 2007). Também são consideradas contribuições teóricas que abordam a mediação pedagógica, a organização escolar e o desenvolvimento de competências socioemocionais em contextos educativos bem como, a orientação do uso consciente das tecnologias, respeitando interações virtuais, prevenindo cyberbullying e fomentando uma cultura digital ética e responsável, ampliando seu campo de ação para o meio online. (Vygotsky, 1994; Wallon, 1975; D'Auria-Tardeli, Pralon e Coelho, 2022 e Bittencourt e Bueno, 2019).

A metodologia adotada envolveu o levantamento de livros, artigos científicos e periódicos relevantes, a leitura crítica e a seleção de conteúdos que abordassem conceitos, teorias e experiências relacionadas ao tema. O estudo seguiu critérios de rigor científico, considerando a relevância, atualidade e confiabilidade das fontes, além de contemplar diferentes perspectivas sobre afetividade, mediação pedagógica e competências socioemocionais. A interpretação crítica do material selecionado possibilitou a elaboração de uma compreensão integrada do tema, apontando contribuições teóricas significativas para a prática educativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A revisão teórica evidencia a crescente importância do Orientador Educacional como mediador das competências socioemocionais no contexto escolar contemporâneo. Historicamente, a função desse profissional estava

restrita à orientação vocacional e ao apoio administrativo, mas estudos recentes apontam que sua atuação é crucial para a formação integral do estudante, englobando dimensões cognitivas, sociais e emocionais (Silva e Silva, 2015; Paro, 2007).

O desenvolvimento de competências socioemocionais, como empatia, autocontrole, responsabilidade, colaboração, resiliência e capacidade de resolução de conflitos, impacta diretamente na aprendizagem, na convivência e na inclusão escolar (Alves, 2025; D'Auria-Tardeli, Pralon e Coelho, 2022). Quando incorporadas às práticas pedagógicas, essas competências contribuem para que os alunos desenvolvam habilidades de autogestão emocional, aprendam a lidar com frustrações, respeitem diferenças e atuem de maneira colaborativa em atividades coletivas.

O Orientador Educacional desempenha papel estratégico na mediação afetiva entre professores, alunos e famílias, promovendo acolhimento, escuta ativa, intervenção em situações de conflito e fortalecimento de vínculos. Essa atuação cria ambientes escolares mais seguros e propícios à aprendizagem (Moreno & Sastre, 2003; Meier e Garcia, 2007). Estudos indicam que a participação ativa do orientador nas decisões pedagógicas contribui para o aumento do engajamento dos estudantes e para a melhoria do clima institucional, promovendo uma cultura escolar pautada no respeito, na ética e na cooperação (Goleman, 1995; Silva e Silva, 2015).

A BNCC (2017) reforça essa perspectiva ao estabelecer dez competências gerais que integram conhecimento, habilidades e atitudes, destacando a empatia, o trabalho colaborativo, a tomada de decisão responsável e a capacidade de lidar com conflitos. A efetivação dessas competências depende da atuação articulada entre educadores e orientadores, garantindo que as diretrizes curriculares sejam traduzidas em práticas cotidianas que favoreçam o desenvolvimento socioemocional dos alunos.

A afetividade na escola é reconhecida como fator determinante para o desempenho acadêmico e a inclusão. Wallon (1975) e Vygotsky (1994) ressaltam que o aprendizado é indissociável da dimensão emocional, e que o

desenvolvimento social e cognitivo ocorre por meio de interações mediadas pelo ambiente escolar. A mediação afetiva realizada pelo orientador fortalece a autonomia, a autoestima e o senso de pertencimento dos estudantes, criando condições para experiências de aprendizagem significativas e para a construção de uma identidade escolar positiva.

Entretanto, persistem desafios estruturais e institucionais que podem limitar a efetivação desse papel, como a sobrecarga de funções do orientador, a falta de políticas de formação continuada, o baixo reconhecimento profissional e restrições de tempo pedagógico (Silva e Silva, 2015; Alves, 2025). Esses fatores evidenciam a necessidade de políticas públicas e estratégias institucionais que apoiem a atuação do orientador como mediador das competências socioemocionais.

Além disso, a incorporação das tecnologias digitais no ambiente escolar apresenta novas demandas para a atuação do Orientador Educacional no desenvolvimento das competências socioemocionais. A mediação das relações virtuais e o incentivo ao uso consciente das redes sociais tornam-se imprescindíveis para a formação de estudantes críticos e responsáveis, capazes de navegar com segurança e ética no mundo digital (Bittencourt e Bueno, 2019). Nesse sentido, o orientador também deve atuar como facilitador da aprendizagem socioemocional mediada por tecnologias, promovendo o diálogo sobre limites, respeito e empatia nas interações online, ampliando o escopo de sua intervenção para atender às necessidades contemporâneas dos alunos e da comunidade escolar.

Por fim, a revisão destaca que o trabalho colaborativo entre orientadores, professores e famílias é essencial para a promoção de uma educação inclusiva e humanizadora. A articulação entre os diferentes atores do processo educativo possibilita a construção de projetos pedagógicos que considerem as necessidades cognitivas, sociais e emocionais dos alunos, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente equilibrados.

CONCLUSÃO

A revisão teórica evidencia que o Orientador Educacional desempenha papel estratégico na promoção do desenvolvimento integral dos estudantes, especialmente no que se refere às competências socioemocionais. Sua atuação vai muito além da orientação vocacional ou administrativa, englobando acolhimento, escuta ativa, mediação de conflitos e fortalecimento dos vínculos entre escola, família e comunidade.

As competências socioemocionais, quando incorporadas ao cotidiano escolar, contribuem significativamente para a aprendizagem significativa, a convivência ética e a construção de ambientes educativos mais inclusivos e humanizados. Empatia, autoconsciência, autorregulação, colaboração e responsabilidade não apenas favorecem o desempenho acadêmico, mas também promovem o bem-estar coletivo e a consolidação de uma cultura escolar baseada no respeito, na cooperação e na valorização das diferenças.

A ampliação da atuação do Orientador Educacional nas dimensões socioemocionais, sobretudo com a incorporação das tecnologias digitais, reforça a necessidade de uma formação contínua e atualizada, capaz de prepará-lo para lidar com os desafios contemporâneos do ambiente escolar. Essa atuação ampliada contribui para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva, ética e responsável, promovendo o desenvolvimento de estudantes críticos e autônomos, capazes de atuar com empatia e resiliência tanto no mundo presencial quanto no digital. Portanto, é fundamental que as políticas públicas e as estratégias institucionais reconheçam e apoiem essa evolução, garantindo condições para que o Orientador desempenhe seu papel mediador de forma efetiva, fortalecendo a formação integral dos alunos e favorecendo uma educação mais humanizadora e adaptada às demandas do século XXI.

Para que a atuação do orientador seja efetiva, é necessário repensar sua formação e fortalecer políticas institucionais que incluam formação continuada, reconhecimento profissional e suporte para desenvolver práticas pedagógicas socioemocionais consistentes. O investimento na valorização do Orientador

Educacional e na promoção de competências socioemocionais constitui um passo decisivo rumo a uma educação inclusiva, equitativa e comprometida com a formação de sujeitos críticos, autônomos e emocionalmente equilibrados.

Por fim, conclui-se que o Orientador Educacional é um agente transformador, capaz de articular conhecimento, emoções e valores no processo educativo. Sua atuação, pautada em afetividade, mediação e colaboração, constitui elemento central para a implementação de práticas pedagógicas humanizadoras, consolidando a educação integral proposta pela BNCC e contribuindo para o desenvolvimento de alunos preparados para enfrentar os desafios sociais, emocionais e acadêmicos do século XXI.

REFERÊNCIAS

ALVES, A. **Desenvolvimento socioemocional e aprendizagem escolar: impactos na convivência e inclusão.** Revista Brasileira de Educação, v. 30, n. 1, 2025.

AUSUBEL, D. P. **Psicologia educacional: uma perspectiva cognitiva.** São Paulo: Atlas, 1980.

BITTENCOURT, I. I., E BUENO, D. F. (2019). **Competências digitais e socioemocionais: desafios da educação na era da informação.** Revista Educação e Tecnologia, 15(2), 45-62.

D'AURIA-TARDELI, D.; PRALON, E. Q. C.; COELHO, P. M. **Competências socioafetivas e a BNCC: reflexões sobre a educação integral.** Revista Educação e Sociedade, v. 41, n. 150, p. 1-15, 2022.

GOLEMAN, D. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

MEIER, C.; GARCIA, R. **Mediação e afetividade na escola: fundamentos para uma prática pedagógica.** São Paulo: Cortez, 2007.

MORENO, R.; SASTRE, S. **Afetividade e aprendizagem: fundamentos psicológicos.** São Paulo: Summus, 2003.

PARO, V. **Escola: organização e desenvolvimento profissional.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.



SILVA, E. S.; SILVA, A. A. **Orientação educacional na contemporaneidade: desafios e possibilidades.** Revista Educação em Foco, v. 12, n. 2, p. 45-59, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

WALLON, H. **Psicologia e educação da criança.** São Paulo: Pioneira, 1975.